

SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONÔMICAS DE PERNAMBUCO
Nova série de publicações

Boletim Técnico n.º 8

ESBÔÇO FITOECOLÓGICO DE ALGUNS "BREJOS" DE PERNAMBUCO

DÁRDANO DE A. LIMA



Recife — Pernambuco — Brasil

Junho — 1964

*Ficha computado OK
RN.*

ESBÔÇO FITOECOLÓGICO DE ALGUNS "BREJOS" DE PERNAMBUCO

Dárdano de A. Lima

O problema da cobertura vegetal típica dos "brejos" de altitude de Pernambuco aqui considerado, é complexo e não pode ser compreendido de relance, sem uma observação detalhada de seus vários aspetos. Assim, é da máxima importância o reconhecimento desses "brejos" como elementos da paisagem geral do Nordeste, de que Pernambuco é uma parcela apenas, bem como a verificação da posição relativa entre êles, das direções e distâncias que os separam das grandes massas de vegetação, emisoras dos dissemináculos das espécies ali representadas, a altitude média (geral) da região em que se plantam as serras, o tipo do relêvo local, etc.

Em qualquer dos casos, a vegetação é sempre do tipo florestal. A ocupação humana pode ter removido, parcial ou totalmente, essa cobertura, para aproveitamento da área com exploração agrícola, cujos produtos abastecem os núcleos de população adrede desenvolvidos. Mas, raras as vezes em que não foram salvos alguns testemunhos, quer na forma de simples indivíduos, ou pequenas "boladas" de mata, mesmo secundária. Em poucos casos, condições de difícil acesso à "serra" resultaram na sobrevivência de porções da mata primitiva ou apenas parcialmente alterada. De qualquer forma, é fácil o reconhecimento da vegetação atual ou potencial e a caracterização das condições de "brejo".

Essas áreas de vocação florestal que, na zona das caatingas, minoram as deficiências de água e de alimentos das populações, podem ser emissões contínuas do ma-

çiço florestal costeiro ou manchas isoladas, empoleiradas nos altos das serras. Quer num ou noutro caso, há mais de uma forma de apresentação. Não devem ser esquecidas as penetrações da floresta, acompanhando os vales dos rios, principalmente daqueles com direção geral SE-NO. Mas essas fogem ao âmbito do presente trabalho.

Sempre que o relêvo se desenvolve sem grandes variações bruscas e vai, gradativamente, se elevando para Oeste, as condições propiciadoras de florestas mais se aprofundam no continente. É o fenômeno que se observa no sul de Pernambuco, onde a mata, que no paralelo do Recife não tem mais de 50 km de Leste a Oeste, alarga-se por mais de 100 km na mesma direção. Limitam-na a Oeste, as escarpas voltadas para Oeste ou Noroeste, a sotavento das quais apenas os vegetais tolerantes a valores baixos de umidade do solo e do ar sobrevivem. Não sendo, como não é, unidirecional esta linha de escarpas ou de bruscos rebaixamentos de cotas, resulta festonado, mais ou menos profundamente, o manto florestal.

Quando a elevação geral do relêvo não é muito acentuada, a região é, pura e simplesmente, incluída na “zona da mata” ou “sul”, como é referida pelo homem das caatingas. Sua fisionomia é bem típica, quer no conjunto, quer no detalhe, o mesmo podendo ser dito quanto à composição específica.

Por outro lado, se êsses níveis atingem determinadas cotas, tanto mais elevadas quanto mais para o Oeste e para o Norte (numa resultante para NO), a floresta sofre gradativa modificação de estrutura e composição.

Nessas cumiadas de “serra” não raro com drenagem impedida ou mal efetuada, taxas pluviométricas e higrométricas mais elevadas que nas áreas da caatinga onde se penetraram, e menores que nas áreas mesmas do maciço florestal que as precede, submetidas a temperaturas com maior variação — maiores máximas e menores mínimas, instala-se essa “floresta modificada”, demonstradora da condição de “brejo”. Êsse conjunto de condições — alti-

tude, solo, umidade do solo e do ar, temperaturas e cobertura vegetal, indica ao homem áreas próprias à agricultura. Para êsse fim, a cobertura florestal foi retirada inteira ou parcialmente e, em certos casos, substituída por espécies apropriadas ao sombreamento do café, uma das lavouras típicas dos “brejos”.

Um bom exemplo dêsse caso é o do “brejo” de Camocim de São Félix, em que a cidade foi implantada em área de mata, o que é testemunhado pelas relíquias da antiga floresta, próximo à “ponta da rua”, na estrada para Bonito (“munguba” — **Bombax gracilipes**, a pouco mais de um quilômetro), pela matinha secundária a 2,6 km, onde ocorrem: “imbirindiba” (**Buchenavia capitata**), “canafístula” (**Cassia ferruginea**) e “louro” (**Ocotea glomerata**), e pela capoeira a 3,7 km da cidade, com “murici” (**Eyersonima sericea**), “imbaúba” (**Cecropia sp.**), “pau-sangue” (**Pterocarpus violaceus**) e “amargoso” (**Aspidosperma sp.**). Tôdas essas, espécies típicas da floresta perenifolia costeira. Esporões dessa floresta chegam, igualmente, às proximidades de São Joaquim do Monte, revestindo os morros que ladeiam essa cidade situada em níveis da ordem dos 460 m, já no Agreste fitogeográfico (zona das caatingas).

Na direção de Sapucarana, porém, a floresta (reduzida, no início, a simples indivíduos isolados e raros) passa, de pouco em pouco, àquele tipo modificado anteriormente referido. Nos níveis mais altos e relativamente próximos da escarpa, a floresta é menos densa que nas áreas mais a Leste, e rica em espécies indicadoras dos “brejos” como “maçaranduba” (**Manilkara rufula**), “jato-bá” (**Hymenaea courbaril**), “pitia” (**Aspidosperma pyricolum**), “pau darco amarelo” (**Tabebuia chrysotricha**), “parasita roxa” (**Cattleya labiata**), “pororoca” (**Clusia sp.**), “cabraíba” ou “bálsamo” (**Myroxylon peruiferum**) e “ju-cá” (**Caesalpinia leiostachya**). Merece ser notado que, mesmo nesta nova associação, algumas espécies mais tolerantes do maciço florestal mais a Leste, se interpene-

tram, como é o caso de “munguba” (**Bombax gracilipes**) e “pau-sangue” (**Pterocarpus violaceus**). É fácil de compreender, tendo em vista a proximidade da fonte de dissemináculos, a par de condições ecológicas locais, não grandemente diversas das que dominam mais a Leste.

Embora sejam também denominadas de “brejo” essa e outra áreas semelhantes na paisagem regional, em que a floresta, embora modificada, é uma continuação da perenifolia costeira, não parece aceitável a sua inclusão entre os verdadeiros “brejos” conceituados neste trabalho, quais sejam aquêles isolados, circundados por áreas mais ou menos amplas de caatinga.

Quando a penetração do manto florestal para Oeste é profunda, a influência das condições climáticas das caatingas se faz mais enérgicamente sobre aquela vegetação, tendendo para uma instabilidade do complexo meio-planta. A presença do homem com o estabelecimento de culturas do ciclo curto, desnudando o solo e sem os cuidados para sua proteção, quebra o equilíbrio do complexo e a vegetação da caatinga invade lenta, porém continuamente, qualquer área de menor altitude e de deficiente suprimento d'água.

Resulta num isolamento de áreas de mata, passando o promontório anterior à situação de ilha. Fenômeno dessa natureza parece ter ocorrido com o “brejo” de Garanhuns. As evidências sugerem que as matas, hoje quase desaparecidas, do núcleo pernambucano da Borborema, ligavam-se com as matas do “sul” de Pernambuco. Destacado dessas matas, quer por decorrência de ação humana, quer por condições naturais sempre presentes, o “brejo” de Garanhuns é o de maior área, dentro do Estado de Pernambuco, como bem exprime o topônimo Brejão. É um legítimo “brejo”, cujos produtos não só abastecem uma pequena área local, mas influem de modo ponderável na economia do Estado.

Enquanto no primeiro caso não havia descontinuidade do manto florestal e no segundo a descontinuidade

é atual ou, pelo menos, discutível, os demais “brejos” de Pernambuco são, realmente, blocos isolados de vegetação florestal perene ou subperenifolia. Não obstante, não gozam de igualdade completa de caracteres, de vez que distâncias relativas e diferenças de altitude lhes atribuem propriedades distintas.

Por exemplo, o “brejo” da serra Negra, no município de Bezerros, eleva-se, numa paisagem de caatingas pobres da bacia do Ipojuca, além do rebordo ocidental da linha de cumiadas das serras das Russas e outras, que se prolongam para Oeste. Não ultrapassa a cota de 700 m, mas pela relativa proximidade do litoral, recebendo ainda com certa intensidade os ventos frescos e úmidos de SE, permite, nos seus níveis superiores a existência do “brejo”, com água no solo, vegetação florestal e agricultura policultora.

Uma transecção subindo a encosta sul da serra Negra de Bezerros, permite tirar algumas conclusões preliminares muito significativas no estudo da ecologia dos “brejos”.

Ao nível da cidade de Bezerros e pouco mais acima, a vegetação é de caatinga arbustiva. À medida que crescem as cotas, o porte e densidade da vegetação aumentam, traduzindo melhores condições de umidade e, sem dúvida, menor solicitação pelo homem da cidade para atender às suas necessidades de lenha, etc. Até aproximadamente um terço do transecto, a caatinga já alcança porte arbóreo, onde se sobressaem as “braunas” (**Schinopsis brasiliensis**) e os “angicos” (**Anadenanthera macrocarpa**).

Mais se elevando as cotas, a caatinga arbórea vai cedendo lugar à vegetação florestal subperenifolia e perenifolia, dispostas como cinturões em torno da serra. A floresta que se segue à caatinga arbórea corresponde à dos demais “brejos” isolados da caatinga. Sua fisionomia original é, atualmente, impossível de ser percebida, tamanha a alteração feita pelo homem, para implantação

de suas lavouras. Mas, se a formação não mais se apresenta íntegra, para ser reconhecida, os espécimens residuais escapos ao corte testemunham, no presente, a formação que, no passado, recobria a área. Entre as espécies que ainda ali se pode ver representadas, contam-se: “pau-cinza” (*Pisonia tomentosa*), “piroca” ou “araçá-piroca” (*Terminalia ? januariensis*), “lacre” (*Roupala cearaensis*), “pitiá” (*Aspidosperma ? pyricolum*), tôdas essas freqüentes, embora com outros nomes vulgares, nas matas da serra do Ororubá, Negra de Floresta e outras das caatingas. Vez por outra, intercalam-se, nessa associação, as já referidas espécies tolerantes do maciço florestal perenifólio ali próximo — “munguba” (*Bombax gracilipes*) e “pau-sangue” (*Pterocarpus violaceus*). Esse nível, da ordem de 500-600 m tem a mesma função, à vista de suas características ecológicas, dos níveis de 600-700 m das proximidades de Sapucarana, dos 800-900 m da serra do Ororubá, e dos 900-1000 m dos “brejos” da serra Negra de Floresta e de Triunfo, para tomar, apenas, alguns exemplos.

Prosseguindo com o transecto, para os níveis superiores, um nôvo e último cinturão, ou melhor, calota de vegetação, recobre a serra. É que a maior altitude deve ter criado condições de clima bem mais favoráveis, possibilitando a instalação de uma floresta similar à das áreas típicas da “zona da mata” (subzona úmida). Parece ser este o único exemplo, no Nordeste, de zonação vertical com essa seqüência de formações vegetais.

Poder-se-ia pensar que o mesmo devesse ocorrer no “brejo” de Areia, na Paraíba; mas as condições ali são bem diversas. A floresta do “brejo” de Areia muito se assemelha, pela fisionomia e composição, à perenofólia ou subperenifólia costeira, mas a passagem entre essa e a larga faixa de Agreste que a precede, é brusca, em função da também brusca elevação das cotas na escarpa da Borborema.

Fatos dessa natureza podem ter induzido vários estu-

diosos a dizer que os brejos são disjunções das florestas perenifólias costeiras da zona das caatingas. Mas, o que se observa, é fato diverso. São disjunções, sim, de ambiente com vocação florestal, mas de uma floresta diversa, como já referido, na fisionomia e composição. E o mais importante é que essa floresta, de características inconfundíveis, repete-se, *mutatis mutandis*, por todos os “brejos” de serra do Nordeste, seja serra Negra de Floresta, Baixa Verde, Baturité, Varas, Ororubá, Meruoca, Campina Grande ou do Quati.

É uma floresta pouco densa, com espécimens do primeiro estrato atingindo até 30 m, de fuste bastante “linheiro”, com poucos cipós, e ralo estrato herbáceo. A pátria, por excelência, das vistosas “parasitas roxas” (*Cattleya labiata*) e, não raro, também, ornamentada pela “barba de velho” ou “salambaia” (*Tillandsia usneoides*).

Se, entre as várias espécies arbóreas dessa formação devesse ser escolhida uma como indicadora das “florestas serranas”, a “maçaranduba” (*Manilkara rufula*) seria a indicada. Está presente na serra da Russas — talvez o “brejo” de menor altitude do Nordeste (500 m), porém, praticamente destruído pelo homem — bem como na mata das proximidades de Sapucarana a 670 m, em Ororubá, Varas, São José, Tacaratu e na serra Negra de Floresta, acima dos 900 m. Confirma sua presença na serra do Quati, já na Paraíba, adiante de Poções, nas serras de Maranguape e Baturité, no Ceará, e na área de Jaguaquara-Maracás, Bahia, neste último caso nas cotas em torno de 700 m. E não fica a “maçaranduba” só, nessa dispersão intermitente, a distâncias tão consideráveis. Nas serras de Garanhuns, Negra de Floresta, Negra de Bezerros, próximo a Sapucarana e em Jaguaquara-Maracás, ocorre *Aspidosperma pyricolum*. *Roupala cearaensis* entra na composição das matas das serras Negra de Floresta e Negra de Bezerros. *Oreopanax capitatum* var. *multiflorum* vegeta nas serras de Baturité e Maranguape, no Ceará, bem como na serra Negra de Bezerros

e na propriedade Riachão no mesmo município. Isso para citar alguns exemplos apenas.

Os casos acima referidos demonstram quão interessante é o problema dos “brejos” de altitude do Nordeste. A dispersão de suas espécies típicas não se pode ter dado nas atuais condições ecológicas da região. Admitir a preexistência de um manto florestal contínuo recobrendo toda a área, é por demais ousado, se fôr levado em conta o tempo decorrido nos processos que determinaram o modelado atual do escudo nordestino. Mais plausível, talvez, a existência de vagas de vegetação que, se ajustando às pulsações climáticas no decorrer dos tempos, foram levando essas espécies aos pontos afastados onde hoje se encontram.

Não apenas as condições de umidade interferem na distribuição das espécies dos “brejos” de altitude do Nordeste. A temperatura tem, sem dúvida, papel saliente no condicionamento desses vegetais. Nos altos das serras, as temperaturas baixam a 16°C (registrado na serra Negra de Floresta, sem que deva ser considerado um mínimo) e mesmo a 11°C, referidos para Garanhuns e Triunfo.

Se fôr levado em conta esse componente do clima, torna-se mais fácil compreender a existência, no “brejo” dos Cavalos, em Caruaru, de uma espécie nativa de **Rubus**, gênero que, no Brasil, não havia sido coletado ao norte de Minas Gerais. Dêsse modo, também se explicaria a presença, na serra do Ororubá e no mesmo “brejo” dos Cavalos, de **Copaifera trapezifolia**, comum nas florestas costeiras de Santa Catarina, bem como a ocorrência de **Oreopanax capitatum** var. **multiflorum** em alguns “brejos” do Nordeste, como já citado, a qual é referida (Marchal, 1878) para os Estados de São Paulo (Santos), Rio de Janeiro (serras dos Órgãos, Tinguá e da Estrêla) e Bahia (Ilhéus).

BIBLIOGRAFIA

Marchal, Elias in Mart. Fl. Bras. XI (1):253/4. Munique. 1878.